

A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO PELA PESQUISA CIENTÍFICA: uma discussão à luz de Laville e Dione

*Andréa KOCHHANN
Gilberto Lacerda SANTOS
Vanessa Amélia da Silva ROCHA
Alice Carlos FELICIANO*

GT1- Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo: No presente trabalho faremos um debruçar das ideias de Christian Laville e Jean Dionne sobre a construção do conhecimento pela pesquisa científica ressaltando sua importância e possibilidade no meio acadêmico. Para tal, faremos uma discussão no estilo resenha do livro intitulado *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências sociais*, de mesma autoria. O livro de Laville e Dionne (1999) foi trabalhado na disciplina *Epistemologia e Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais* durante o doutorado de uma das autoras e também no GEFOP – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade. O grupo já realiza pesquisas que visam aperfeiçoar a formação acadêmica dos integrantes. Devido a esse fato, o texto foi discutido entre seus componentes, resultando então, nesse trabalho que consiste em uma pesquisa bibliográfica. Laville e Dionne (1999) discutem nesse livro desde a concepção de conhecimento à elaboração de um projeto de pesquisa e sua socialização.

Palavras-chave: Construção do conhecimento. Pesquisa científica. Elaboração de projeto de investigação.

Introdução

Para discutir sobre a construção do conhecimento pela pesquisa científica enquanto possibilidade no meio acadêmico valeu-se do livro de Laville e Dionne (1999). A construção do conhecimento precisa ser entendida como fruto de um pensar próprio e não de um compilamento de informações que outrem pensaram. A formação acadêmica permite a construção do conhecimento a partir da pesquisa científica. Destarte, é importante conhecer os procedimentos para a pesquisa científica.

O livro de Christian Laville e Jean Dionne intitulado “A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Sociais” foi adaptado por Lana Mara Siman e traduzido por Heloisa Monteiro e Francisco Settineri, sendo publicado em 1999, pela editora

Artmed de Porto Alegre e editora UFMQ de Belo Horizonte, contendo 342 páginas, distribuídos em quatro partes e dez capítulos.

Laville e Dionne (1999) na primeira parte discutem *A pesquisa em ciências humanas*. Na segunda parte apresentam *Do problema à hipótese*. Na terceira parte dialogam sobre *Da hipótese à conclusão*. Na quarta parte tratam do *O relatório de pesquisa*.

A leitura desse livro foi realizada na disciplina *Epistemologia e Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*, durante o período de doutoramento em Educação, uma das autoras, pela Universidade de Brasília, no primeiro semestre de 2016. E enquanto coordenadora do GEFOP – Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade, uma das autoras, apresenta ao grupo o texto como forma de conscientização de seu papel de pesquisador iniciante e responsável pela sua formação acadêmica.

Os caminhos da pesquisa científica como forma de construção de conhecimento

Na primeira parte do livro, intitulado *A pesquisa em ciências humanas*, os autores discutiram sobre três itens. O primeiro foi o nascimento do saber científico, apresentando os saberes espontâneos, enfocando a intuição, a tradição e a autoridade e, o saber racional, enfocando os filósofos, o triunfo das ciências humanas e o positivismo. O segundo foi discutir sobre a pesquisa científica hoje aprofundando no enfraquecimento do positivismo e apresentando o realinhamento da ciência. O terceiro discute sobre as ciências humanas e sociedade, apresentando a função social do saber, bem como as ciências humanas e sua responsabilidade, finalizando com o questionamento sobre o que procuram as ciências humanas.

O saber científico tem suas raízes nos saberes espontâneos. O homem desde sua origem, na pré-história produz saberes espontâneos. O homem dessa época acreditava em mitos e crenças sobrenaturais. A intuição que os homens daquela época tinham possibilitaram as explicações do senso comum. Nessa época os saberes eram transmitidos pela tradição familiar e religiosa.

Foi na época da história antiga o surgimento da instituição escolar que tinha como principal objetivo a transmissão do saber. Agora não mais o saber espontâneo, mas com operações metódicas de pesquisa. Nessa época a escola já surgiu como dualista. O grande salto do conhecimento da história antiga foi na Grécia, onde surgiu o conhecimento filosófico.

Os grandes representantes da filosofia grega foram Sócrates, Platão e Aristóteles. A filosofia trouxe um pensar sobre o pensar possibilitando o conhecimento indutivo e dedutivo.

Com a chegada da Idade Média, a reflexão filosófica sofre influência da religião. A religião católica influenciou na produção do conhecimento da época a partir da imposição dos dogmas do cristianismo. Dessa forma, o pensamento filosófico é superado e o pensamento teológico passa a predominar.

Na Idade Moderna, com todas as transformações ocorridas, a igreja católica passa a ser fortemente questionada. Assim, o conhecimento teológico é colocado em xeque. O renascimento cultural e científico permite a elaboração de um saber diferente da magia, das superstições e da bruxaria, dando espaço ao saber científico. Nessa época, Galileu, Copérnico, Bacon, entre outros, bateram de frente com o conhecimento teológico ao apresentarem explicações racionais para a compreensão dos fenômenos. Para essa compreensão, os pensadores valeram-se das ciências matemáticas.

Foi no século XVIII que a ciência triunfou. Esse século ficou conhecido com Século das Luzes, a tal ponto que ocorreu a Revolução Industrial. Nessa época houve uma transformação na sociedade, tanto com instrumento de trabalho quanto com meios de transporte, de comunicação, saúde e subsistência. Essas transformações aparentemente melhoraram a vida da população.

Já na Idade Contemporânea, o conhecimento científico existente tentava explicar as transformações e, principalmente, os problemas ocorridos na sociedade. Para compreender os fatos sociais valendo-se do método das ciências exatas, surgiu o conhecimento positivista, de August Comte. O positivismo tinha como característica o empirismo, a objetividade, a experimentação, a validade e o determinismo. Assim surgiam as ciências sociais e humanas.

As ciências exatas não conseguiam explicar a complexidade dos fatos humanos. Assim, o positivismo foi perdendo força perante as ciências sociais e humanas. Para essa área, a análise dos fatos sociais não pode ser de maneira objetiva, tão pouco determinada e com experimentação. O homem, objeto de estudos das ciências sociais e humanas, é um ser subjetivo. Por isso, a ciência passa por um realinhamento. Agora é preciso compreender e explicar o problema levando em conta sua multicausalidade. Para tal o pesquisador precisa se esforçar para tratar os fatos sociais de maneira objetiva e de forma qualitativa. Portanto toda pesquisa se inicia com um problema e termina com uma resposta.

O conhecimento das ciências sociais e humanas tem uma função social. Com a industrialização e com a democratização dos países, as massas populacionais ganham mais

espaços na sociedade. Contudo, as transformações por que a sociedade passou a partir da Revolução Industrial deram impulso e explosão às ciências humanas. Gilberto Freire, Caio Prado Junior, Fernando de Azevedo, Otavio Ianni, Florestan Fernandes, entre outros, contribuíram para consolidação das ciências sociais e humanas no Brasil.

Tanto as ciências naturais e exatas quanto as ciências naturais e humanas têm responsabilidade social. O desenvolvimento dessas ciências influencia na política, na economia, na educação, no comportamento, enfim, na forma de vida das pessoas. Eis o motivo para a realização de projetos de pesquisa.

Na segunda parte do livro, intitulada *Do problema à hipótese*, os autores discutiram sobre dois itens. O primeiro contemplou o problema e a problemática, aprofundando nas questões do problema de pesquisa. O segundo tratou do percurso para a elaboração do problema em forma de pergunta e também da hipótese, a partir de um bom problema e de uma problemática racional.

Toda pesquisa ou investigação científica parte de uma inquietação que pode ser individual ou grupal, que ainda não se tem o conhecimento ou a compreensão do objeto que inquieta. Geralmente essa inquietação aparece em forma de pergunta e almeja-se uma resposta ou solução. Eis a origem de um problema de pesquisa. O assunto que leva o pesquisador a uma investigação é tida como tema. Um problema de pesquisa é algo que necessita de novos conhecimentos para o tratamento de questões advindas do objeto. Assim para a elaboração de uma pergunta problema é importante que se elaborem interrogações iniciais.

Para elaboração do problema e o desenvolvimento da pesquisa, o pesquisador pode recorrer a generalizações. Para isso, é necessário conhecer as palavras utilizadas, bem como as teorias científicas utilizadas ao longo do processo. Como todo ser humano o pesquisador carrega em si seus valores, curiosidade, confiança, limites entre outras questões, mas, precisa fazer um esforço racional para trabalhar com neutralidade e chegar a uma problemática racional e viável a uma investigação.

Após o pensar e repensar do tema e da problemática é necessário que o problema racional se expresse em forma de uma boa pergunta. Conforme se estrutura a pergunta será o desenvolvimento da pesquisa. A elaboração da pergunta é totalmente influenciada pelos princípios do pesquisador. A boa pergunta precisa ser significativa e clara, para que a pesquisa seja exequível. Não somente o problema faz com que a pesquisa seja exequível. A disposição dos dados e as diversas dificuldades práticas podem ser desfavoráveis.

É interessante que o pesquisador faça a revisão da literatura, busque guias e manuais, dicionários e enciclopédias, revistas indexadas, banco de dados informatizados, periódicos, entre outros. Depois da elaboração da boa pergunta é importante a elaboração da hipótese. A hipótese é a possível resposta para a pergunta, é o enunciado da possível solução. Essa hipótese pode ser confirmada ou negada ao final da pesquisa, devido o desenrolar da coleta e análise dos dados. Depois do problema e hipótese elaborados, caminha-se para a conclusão.

Na terceira parte do livro, intitulada *Da hipótese à conclusão*, os autores discutiram três itens. O primeiro tratou das estratégias de verificação, apresentando que podem surgir hipóteses diversas devido às necessidades diferentes, bem como haver uma diversidade da pesquisa a partir dos dados criados e das diversas estratégias de pesquisa com dados existentes. O segundo item abordou sobre a busca de informações, a partir do conhecimento sobre as fontes de informações e as técnicas e instrumentos de coleta de dados. O terceiro item enfatizou o percurso das informações a chegada das considerações, a partir os instrumentos e métodos de análise estatística e pela análise de conteúdo.

Quanto às estratégias de verificação o pesquisador deve levar em consideração a hipóteses ou as hipóteses e suas necessidades diferentes. Assim serão escolhidas as fontes as quais recorrer. Para verificar a hipótese é preciso análise e comprovação entre causa e efeito do problema. Algumas variáveis ou fatores podem interferir nas coletas e análises dos dados. Existem fontes diferentes de coleta de dados.

No que tange as fontes de informações, os autores apresentaram sobre a importância da base documental, defendendo que os documentos podem ser escritos ou não. Uma pesquisa documental não descarta a escolha de uma amostra da população para ser entrevistada ou observada. Toda forma de fontes de informação, traz enriquecimento para o pesquisador. Para os autores a amostra da população pode ser escolhida de forma voluntária, típica, por quotas, aleatória, por grupos e por estratos. Quanto às técnicas e instrumentos de coleta de dados, os autores defendem que a observação é muito importante.

Um pesquisador geralmente se identifica o processo de observação, que pode ser estruturada e não estruturada. Além da observação como procedimento de pesquisa, os autores afirmam que o testemunho é um elemento importante, seja ela coletado por questionário aberto, fechado ou misto ou, por entrevista estruturada, semiestruturada ou não estruturada. Laville e Dionne (1999) ainda apresentam que a imaginação do pesquisador é elementar para a análise dos dados e não para inventar a realidade. A aplicação de testes também pode favorecer a coleta de

informação, bem como a as técnicas e instrumentos originais criados pelo próprio pesquisador para atender uma demanda que é própria da sua pesquisa.

Depois de todos os dados coletados e analisados parte-se para a organização das considerações. Muitas pesquisas necessitam de análise estatística dos dados, para tal é necessário que pesquisador tenha conhecimento da estatística. Caso não tenha é importante ajuda de uma especialista. Os dados organizados estatisticamente favorecem a reflexão e compreensão dos fatos ou causas, viabilizando o resultado. Para interpretar os dados estatísticos o pesquisador precisa ir além de uma leitura apresada. É preciso um debruçar sobre os dados com base em um amplo conhecimento teórico.

É possível que a partir da análise estatística seja necessário análise de conteúdo. Para essa análise, o pesquisador pode agrupar os conteúdos em unidades. Esses conteúdos podem ser analisados de maneira qualitativa. O importante é que a partir da compreensão e análises de todos os dados advindos das varias fontes de informação, o pesquisador deve fechar o ciclo organizando as considerações da pesquisa e apresentando a solução do problema. Em algumas pesquisas as respostas ou solução do problema não necessariamente apresenta a solução, mas pode abrir novos horizontes que levaram a solução.

Na quarta parte do livro, intitulada *O relatório de pesquisa*, os autores discutiram dois itens. O primeiro discutiu sobre a comunicação científica sobre a ótica de que toda pesquisa deve ser comunicada e que o relatório é uma demonstração do processo e dos resultados da pesquisa para vários públicos. O segundo visa à conscientização do leitor sobre a apresentação do relatório, que parte de um planejamento e dos cuidados com as partes essenciais que deve compor o relatório e a apresentação.

A comunicação científica é de extrema importância para a sociedade. Por isso, toda pesquisa deve ser comunicada. É importante que os pares validem a pesquisa, pela objetivação e transparência da pesquisa com a avaliação e validação dos pares a pesquisa precisa ser vulgarizada ou socializada a diferentes públicos. Uma forma de comunicação dos resultados da pesquisa é com a apresentação verbal em congressos ou colóquios. Outra forma é a publicação em revistas científicas do artigo elaborado a partir da pesquisa. Outra forma é a elaboração de monografias, dissertações de mestrado e tese de doutorado. As quais podem ser publicadas na forma de livro ou artigo.

Independente da forma de socialização do relatório de pesquisa ele precisa ser escrito e ter uma apresentação aceitável perante os pares. Um elemento obrigatório da apresentação do relatório é seguir as regras da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. Outro elemento é o planejamento do relatório levando em conta as partes obrigatórias.

Laville e Dionne (1999) apresentam que o relatório de pesquisa deve ser estruturado nas seguintes partes: folha de rosto, dedicatória, agradecimentos, apresentação, lista de gráficos, sumários, introdução, problema e problemática, método ou metodologia, conclusão e bibliografia. O relatório de pesquisa em forma de artigo dispensa as partes iniciais. Muitos relatórios de pesquisa seguem às normas da instituição a qual a pesquisa está vinculada.

Considerações finais

Laville e Dionne (1999) com seus dez capítulos organizados em quatro partes dialogaram sobre o processo de construção do conhecimento levando em conta o percurso de elaboração, execução e socialização de uma pesquisa, o qual promove essa construção. O que fica claro é que a construção do conhecimento se faz pelo processo de investigação.

Os autores, após cada capítulo, chamam de prática a sintetização da teoria com a relação desta na prática. Isso proporciona o entendimento de que há uma estreita relação entre teoria e prática. Apesar da densidade material do livro, a forma organizacional e a disposição linguística se apresenta aprendível a tal ponto que pode ser estudada inclusive por acadêmicos de graduação.

Para Laville e Dionne (1999) nem todo mundo se tornará um pesquisador profissional. De certa forma todos somos pesquisadores. Contudo, alguns se dedicam a pesquisa científica seguindo o rigor exigido pela própria ciência. Os acadêmicos de graduação ou pós-graduação, seja *lato* ou *stricto sensu*, devem se envolver com projetos de pesquisa para a construção do conhecimento.

Para muitos autores a construção do conhecimento só ocorre a partir da realização de uma investigação científica. Levando isso em consideração, a leitura e compreensão do livro de Laville e Dionne (1999) intitulado *A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas* se apresenta como imprescindível. Esperamos que este artigo possa elucidar aos leitores sobre a importância do conhecimento científico.

Referências

LAVILLE, Christian e DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte (MG): UFMG, 1999.